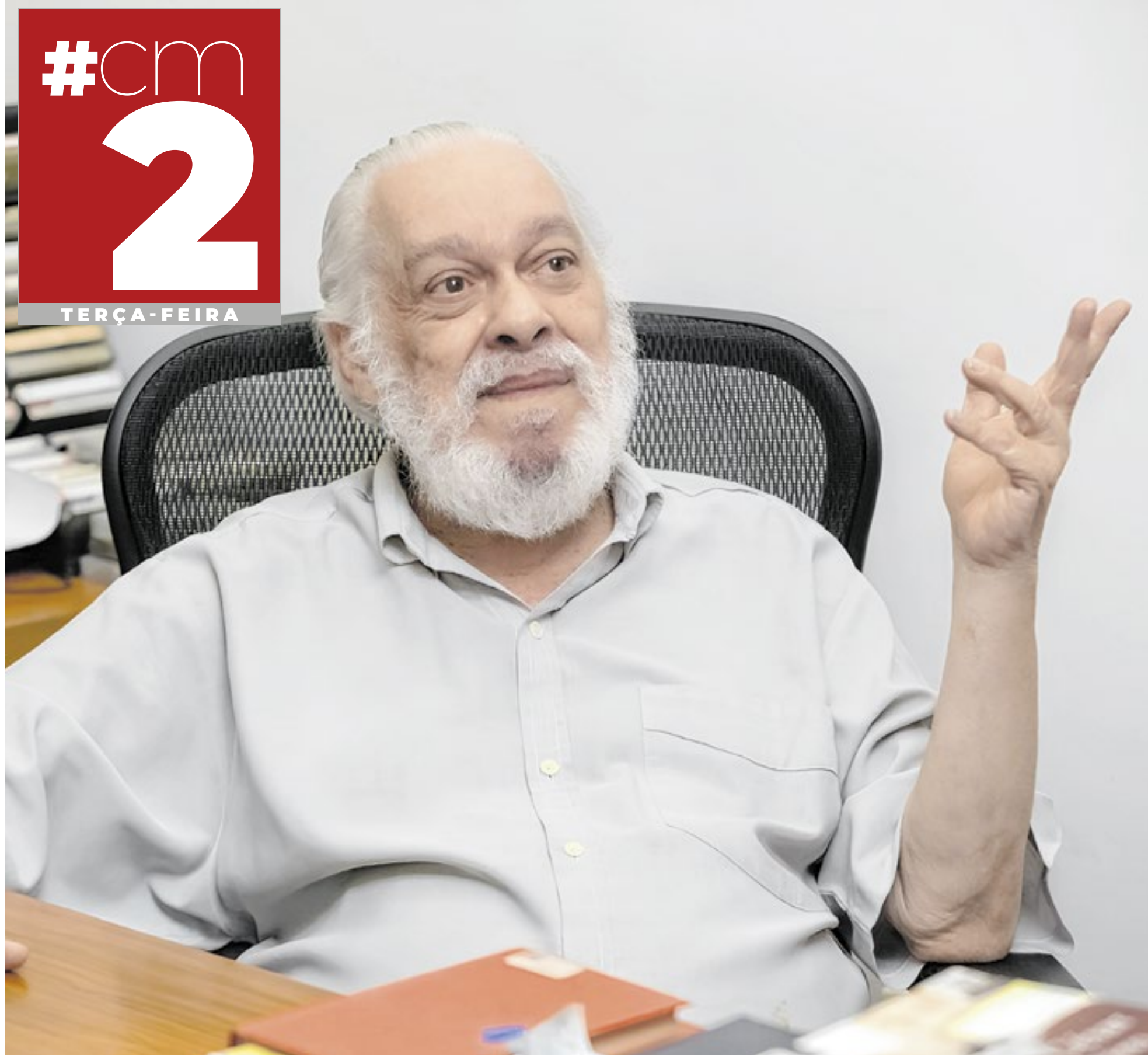




# O poeta caboclo da canção brasileira (e muito mais)

Paulo César Pinheiro **é conhecido e reconhecido** como compositor. Mas também **é poeta, escritor e dramaturgo**. Gosta de definir seu **processo criativo** através da figura de um **caboclo (ou vários, aliás)**, cada um deles com uma habilidade específica. A trajetória deste **legítimo multi-artista e sua obra que é puro suco de Brasil** é apresentada de forma original na **fotobiografia “Paulo César Pinheiro: O Poeta de Todos Nós”** que Júlio Diniz **lança nesta terça-feira**. Páginas 2 e 3

# “Não vivi tudo o que escrevo, mas observo”

AFFONSO NUNES

O poeta e ensaísta americano Ezra Pound (1895-1972) disse certa vez que “o poeta é a antena da raça”. O também poeta, romancista, dramaturgo, produtor musical e compositor popular Paulo César Pinheiro sintetiza esta assertiva, mas gosta de dizer que recebe um caboclo toda vez que está criando. “Me defino com um observador da alma, da vida. Enquanto estou fazendo música, sou um compositor. Em determinado momento isso para dentro de mim. Aí muda de caboclo, baixa outro. Quando não é poesia de livro, é de música, de trilha sonora. Ou teatro, romance. Eu fico imerso nisso o tempo inteiro, esperando que venha o caminho que for. Não tenho pressa”.

O trecho acima é parte de uma reportagem que feita por este repórter com este poeta da canção popular. No escritório de seu apartamento em Laranjeiras, cercado de cadernos amarelos, dicionários de yorubá e nagô, dezenas de melodias de parceiros aguardam por letras. “Enquanto estou fazendo música, sou um compositor. Em determinado momento isso para dentro de mim. Aí muda de caboclo, baixa outro. Quando não é poesia de livro, é de música, de trilha sonora. Ou teatro, romance. Eu fico imerso nisso o tempo inteiro, esperando que venha o caminho que for”, detalha.

Essa definição — observador — é a chave para entender uma obra que, aos 76 anos, acumula dois mil composições, mais de mil e quinhentas gravadas, 10 livros publicados, 17 manuscritos inéditos em casa e algo em torno de 600 letras prontas aguardando parceiros.

Ao lançar “Paulo César Pinheiro: O Poeta de Todos Nós” nesta terça-feira (24) na Livraria Travessa do Leblon, Júlio Diniz nos brinda com uma fotobiografia que revela como funciona uma mente criativa que não separa beleza de urgência, forma de conteúdo, poesia de política.

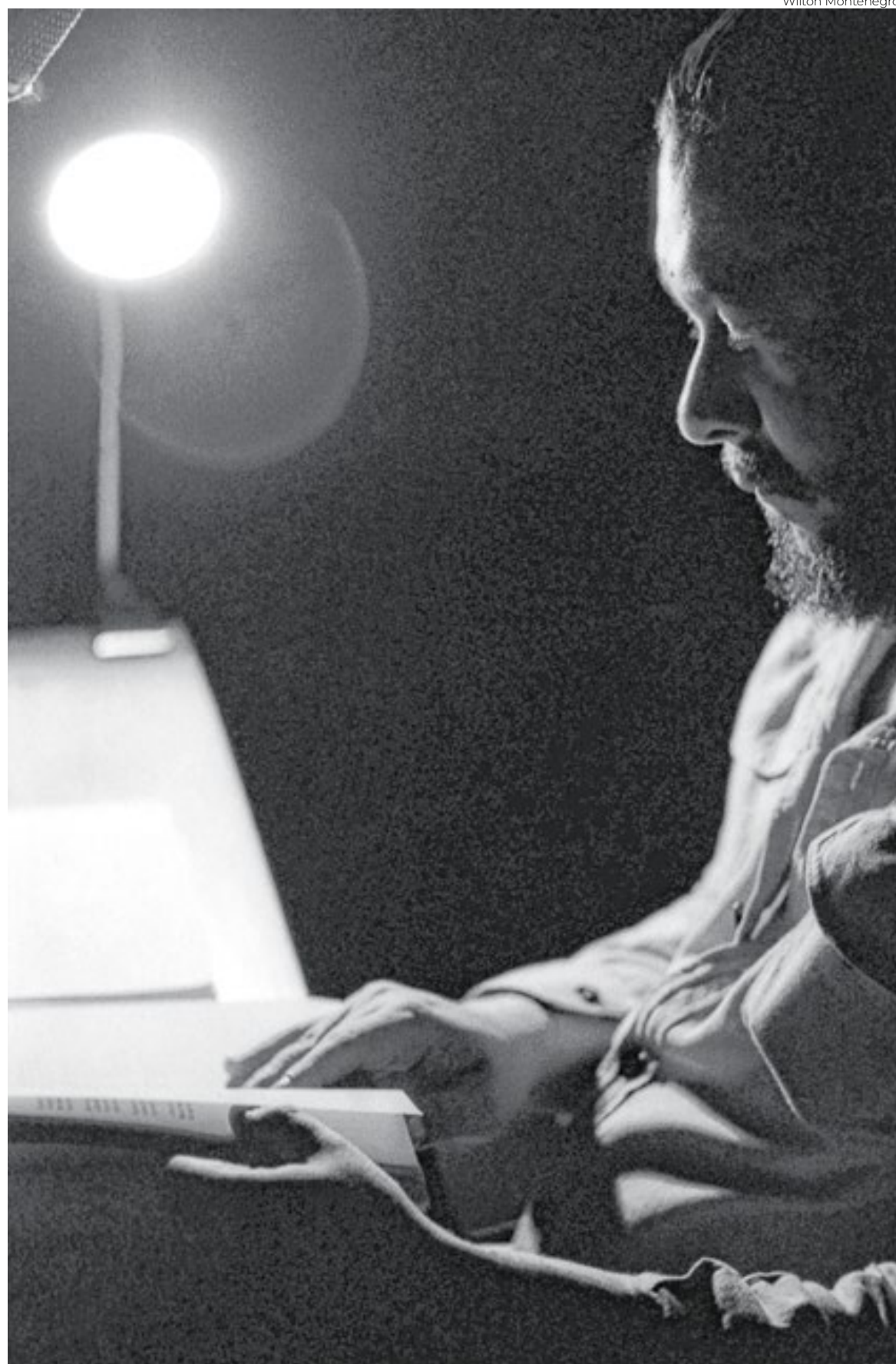
Organizada com colaboração de Conceição Campos (autora de “A Letra Brasileira de Paulo César Pinheiro”) e do pesquisador Rodrigo Alzuguir, reúne imagens, cronologia e depoimentos de artistas que foram parceiros diretos — Dori Caymmi, Francis Hime, Ivan Lins, Lenine e Luciana Ra-

bello, a esposa do compositor. “Seu coração é o mapa do Brasil”, define a campamheira em seu depoimento. “Paulinho sabe tudo, é um erudito do Brasil profundo — acho que não há música, dança, comida, palavra, planta ou bicho do Brasil que ele não conheça”, completa Joyce Moreno. Para Lenine, o compositor “é Fernando Pessoa reencarnado”.

A imensa obra de Pinheiro não pode ser entendida isoladamente, pois existe em diálogo permanente com a nossa canção popular, com a história política do país, com a tradição do samba e com a experimentação da MPB.

O processo criativo de Pinheiro é sistemático, quase antropológico. Durante a entrevista de 2018, abriu um caderno de capa amarela para explicar: “Aqui estão anotações de ideias que me surgem. Versos esparsos, situações que vislumbro na rua, num bar, em qualquer lugar, frases que escuto. Não vivi tudo o que escrevo, mas observo”, revelou na ocasião. “Eu me fecho aqui para ouvir essas melodias, escrever, consultar as anotações. E isso não tem hora para acontecer. Pode ser no meio da tarde ou de madrugada. Minha mulher colocou uma cama aqui para mim. Costumo dizer que eu moro nesse escritório e as outras pessoas no resto da casa”, completou.

A densidade intelectual de Pinheiro revela-se em composições como “Canto das Três Raças”, em parceria com Mauro Duarte — eternizada por Clara Nunes, sua primeira esposa (casados de 1975



Paulo César Pinheiro: ‘Me defino como observador da alma, da vida’

até sua morte precoce em 1983). A letra não é apenas um lamento na história brasileira, mas sua narração por meio do sentimento de dor: “Negro entoo um canto de revolta pelos ares / No Quilombo

dos Palmares, onde se refugiou. / Fora a luta dos inconfidentes / Pela quebra das correntes. / Nada adiantou.”

Sua criação musical começou aos 14 anos com João de Aqui-

no, compondo “Viagem”. Seu primeiro sucesso, “Lapinha”, nasceu de um verso tradicional do samba de roda dos capoeiristas de Santo Amaro — “Quando eu morrer / Me enterre na lapinha

Wilton Montenegro



AFFONSO NUNES

Depois do sucesso em 2025, o Projeto Ópera do Meio-Dia retorna ao Theatro Municipal com “O Elixir do Amor”, de Gaetano Donizetti (1797–1848), em versão pocket na escadaria interna da casa. A comédia abre a temporada 2026 nesta semana até o dia 7 de abril, às segunda e terças-feiras, sempre ao meio-dia, com entrada gratuita.

Nemorino é um jovem camponês apaixonado por Adina, que é cortejada pelo militar fanfarrão Belcore. Quando o charlatão Dulcamara aparece vendendo um suposto elixir milagroso, a trama ganha os contornos de humor que marcam a obra. O elenco reúne solistas do Coro do Municipal, sob direção cênica de Pedro Rothe e direção musical do maestro Cyrano Sales, regente titular do Coro.

“O verdadeiro poder do elixir está em nós mesmos, em achar nossa autoconfiança para trilhar nosso caminho. Não há força maior que o amor verdadeiro”, explica Sales, que assina a curadoria do projeto. “Escolhi uma obra leve e envolvente que oferece ao público um respiro da rotina e aproxima mais pessoas do Theatro Municipal”, justifica.

Donizetti foi um dos maiores compositores de ópera do século 19. Nascido em Bérgamo (Itália), consolidou-se como mestre da ópera cômica e dramática, dominando tanto o gênero buffo quanto o sério com maestria. Suas composições se caracterizam pela melodia generosa, ritmo vibrante

# A ópera-pocket está de volta

‘O Elixir do Amor’, de Donizetti, abre temporada 2026 da Ópera do Meio-Dia no Municipal. De graça



Marietta Trotta/Divulgação TMRJ

Solistas do Coro do Municipal durante ensaio na escadaria interna do Theatro

e capacidade de criar personagens memoráveis. Escrita em 1832, “O Elixir do Amor” comprova sua

genialidade ao combinar humor refinado, situações cômicas irresistíveis e uma partitura que exige

dos cantores tanto virtuosismo vocal quanto presença cênica marcante. Donizetti morreu aos

50 anos, deixando um expressivo catálogo de mais de 70 obras líricas.

Ao longo de 2026, a programação segue com seis outras montagens que alternam óperas entre comédia e drama. Em abril e maio, “Gianni Schicchi”, de Puccini, traz a história de um personagem que usa astúcia para resolver conflitos familiares. Maio e junho recebem “O Barbeiro de Sevilha”, de Rossini, clássico de intriga e sedução. Julho marca o aniversário do Theatro com “Il Trovatore”, de Verdi, drama de paixão e vingança. Agosto apresenta “Tosca”, também de Puccini. Outubro traz “Cinderela”, de Rossini, enquanto novembro encerra a temporada com “Rigoletto”, de Verdi, tragédia que explora poder, honra e sacrifício.

“A programação transita entre comédia e drama, com títulos de Puccini, Verdi e Rossini que atravessaram gerações”, destaca Sales, acrescentando que a ópera pocket na escadaria interna cria um espaço acessível e intimista.

Diferentemente de uma montagem de palco tradicional, o formato pocket permite ao público acompanhar a ópera em um intervalo de almoço, sem deslocamento para salas convencionais, além de levar a essência dessas obras a um maior número de pessoas.

## SERVIÇO

**O ELIXIR DO AMOR (ópera em versão pocket)**

Escadaria interna do Theatro Municipal (Praça Floriano (s/nº - Cinelândia)  
24/3, 6 e 7/4, sempre às 12h  
Entrada franca

## CRÍTICA DISCO | ROGUAN

AQUILES RIQUE REIS\*

Hoje é dia do álbum de Roguan (Roberto Guimarães Andreoli), um múltiplo artista que após duas décadas dedicadas ao teatro, à poesia e ao cinema (ele trabalhou durante quatro anos com Fátima Toledo, com quem realizou o filme Tropa de Elite), estreia oficialmente na música com o álbum homônimo.

A sensação que se tem ao ouvi-lo é de estarmos diante de um cara que desdobrou sua alma em vários corpos. Um bardo múltiplice a serviço de uma voz que, por vezes, remete a Chico Science. Ao ouvir o álbum, sugiro que deixem de lado qualquer forma de quizila – a surpresa é o dom da beleza.

Eis algumas das canções.

“Ato 1 – O Espelho Invertido (prelúdio)”: escutam-se passos. A viola caipira de Roguan tange uma melodia com pegada ibérica.

A letra vem sussurrada: “Guerra, morte, paz, vida... É tudo ilusão”. “Sem a Terra Sem o Mar”: o canto de Roguan embala sua viola caipira e sua gaita. As cordas dedilhadas arrebatam num intermezzo instrumental. “Cala Voz”: o violão de Rodrigo Ramos acompanha a cantoria impetuosa de Roguan... Enquanto isso, sua poética abrasa o juízo do ouvinte. “O Transe”: o violão de sete cordas de Roguan o acompanha no folhetim enlouquecido. E o sussurro volta e remata. “Ato 2 Reverter (interlúdio)”: o cantar sussurrado e a guitarra de Roguan iniciam. Voltam os passos, que agora soam como se pisassem



Divulgação

na água. “Verso”: a bela melodia vem clara na voz do menestrel. A batida do maracá (instrumento musical indígena, com uma cabaça seca recheada com sementes ou pedras, fixada num bastão de madeira) puxa o ritmo. “Cálice da

Flor”: com a mesma formação instrumental do arranjo anterior (exceto o maracá), sente-se ainda mais a semelhança da voz de Roguan com a de Chico Science. “O Nosso Fim É Começar”: com a mesma base instrumental da faixa anterior, sem maracá, Roguan reforça sua disposição de alternar a voz falada com a entoada, para explicitar sua existência. “Ato 3 – O Agora (interlúdio)”: a guitarra de Roguan inicia. Logo sua voz soa sobre os ponteiros da viola caipira. Cantando e sussurrando versos, sua força pulsa no ar. “E Se Todos Sou Eu?”: acompanhado apenas pela viola caipira de Rodrigo Ramos, Roguan canta a

música mais bela do álbum. “Vence o Passo”: o derbake (instrumento árabe de percussão em forma de cálice) deflagra o suingue de Roguan, esmerando-se para expor às claras a sua voz dobrada. “Final – Pra Minha Voz (poslúdio)”: o violão de sete cordas soa, dedilhado por Roguan. Enquanto o cantor clama “Eu digo sim!”, voltam os passos, que agora conduzem ao final do álbum, que pode ser ouvido por completo em <https://11nq.com/gvsumk7>.

## Ficha técnica

Produção: Rodrigo Ramos; produção artística: Mayra Faour Auad; engenharia de som, mixagem e masterização: Bruno Pontalti; arranjos, violão e percussão: Rodrigo Ramos; foto de capa: Roguan; design: Felipe Braga.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# ENTREVISTA | ALESSANDRA VARNEY

ATRIZ E CANTORA

## ‘Lady Gaga deixa marca em tudo o que faz’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

A veludado num binômio exemplar de disciplina e talento, o vozeirão de Alessandra Verney tem colaborado para angariar público – dos mais volumosos – para o teatro musical brasileiro com frequência, desde o início dos anos 2000, quando os sucessos “Cole Porter – Ele Nunca Disse Que Me Amava” e “7 – O Musical” atestaram seu status de ave canora nos palcos. Em paralelo, ela botou no bolso os tímpanos – e os corações – de quem viu o filme “Apolônio Brasil – O Campeão da Alegria” (2003) em tela grande. Este ano, ela vai brilhar na telona outra vez em “Querido Mundo”, que Miguel Falabella – seu parceiro habitual – filmou em P&B, em duo com Hsu Chien Hsien (outro colaborador recorrente da estrela gaúcha). No dia 7 de abril, o longa-metragem, baseado na peça teatral do eterno Caco Antibes, vai abrir o Festival du Cinéma Brésilien de Paris, na França. Antes disso, nesta quinta-feira (26), Verney tem um compromisso com o Teatro Claro MAIS RJ, em Copacabana, às 20h. Aquele templo das artes cênicas servirá de berço, em solo carioca, para “unpluGAGA”, um tributo acústico à cantora e atriz nova-iorquina Stefani Joanne Angelina Germanotta, mais conhecida como Lady Gaga.

No show, a diva por trás de hits como “Bad Romance” e “Shallow” será celebrada de forma singular pela voz marcante de sua intérprete brasileira em arranjos que valorizam a essência das composições. No papo a seguir, Verney conta ao CORREIO DA MANHÃ o que prepara.

**De que maneira a Lady Gaga reestrutura o ideal de diva pop que vem lá de Cher e Madonna?**

Alessandra Verney: É a partir de suas composições e de sua performance como intérprete, que não se restringe somente ao pop - sem falar que ela é uma exímia instrumentista. Ela já mostrou que canta o que quiser e o quanto é obstinada por atingir a perfeição em cada interpretação. Gaga deixa a sua marca em tudo o que faz, tem muita personalidade. É uma artista que usa e abusa dos recursos teatrais dentro da sua trajetória, o que também é um grande diferencial.

**O que mais te surpreende no registro vocal de Gaga, como cantora, e como as atuações dela no cinema foram importantes para a consolidação do seu olhar sobre a persona da cantora?**

Alessandra Verney: Quando você escuta os primeiros álbuns e

o que a voz dela se tornou hoje, dá pra perceber de cara que ela é uma cantora que nunca se acomodou e que continua estudando - e se superando. Com o passar dos anos, a voz dela tem ganhado dimensões cada vez maiores, não só de extensão vocal, mas em qualidade de performance mesmo. Acho um deleite assistir aos vídeos ao vivo em que ela se apresenta, de diferentes gêneros em variados eventos, porque você vê que ela está sempre muito preparada. Eu me tornei fã, de fato, quando assisti ao “Nasce uma Estrela”. Já gostava dela, mas confesso não era muito ligada no seu trabalho. Conhecia o básico. Ao ouvir a trilha sonora e depois ao assistir ao filme, fiquei muito impressionada com potência da voz dela, que apesar de ser a sua voz, estava totalmente a serviço da personagem. Não havia ego ali. Isso, junto à sensibilidade dela como atriz, emocionou-me muito. Aliás, a entrega dela me emociona e me move como artista também, pois é nisso que eu acredito. Lembro tam-



Priscila Prade/Divulgação

bém quando vi a apresentação dela no Oscar, com “The Sound of Music”, o quanto fiquei impressionada com a voz e a interpretação dela. Foi muito inesperado vê-la naquele universo de Rodgers & Hammerstein.

**O que podemos esperar do repertório da sua nova criação teatral, a partir de Gaga?**

Alessandra Verney: Uma exaltação muito sincera e cheia de afeto à essa artista única. Como tudo o que ela faz é sempre muito imbatível e grandioso, eu busquei justamente a simplicidade para poder prestar essa homenagem aos grandes hits da carreira dela, com esse formato unplugged. A ideia não é me inspirar na voz dela, mas sim cantar e interpretar a partir do meu sentimento e admiração em relação à sua obra. Acredito que essa será a chave de conexão com o público.

**Você tem uma atuação impecável em “Querido Mundo”, dirigido por seu habitual parceiro Miguel Falabella – realizado em dupla com Hsu Chien Hsin. O que Falabella te oferece de mais surpreendente a cada nova parceria de vocês?**

Alessandra Verney: O Miguel é literalmente um anjo em minha vida. Um ser humano único que sempre me faz crescer como profissional e também como pessoa. Estar em cena ou ser dirigida por ele, é como estar em casa. Sempre me sinto à vontade e também aprendo muito. É sempre uma caixinha de surpresas! Ele nunca deixa a gente se acomodar, pois está sempre em movimento constante. A vitalidade dele é contagiante. Olha, foram tantas parcerias que até já perdi a conta. Entre cinema, teatro, TV e teatro musical, acredito que foram

nove trabalhos juntos e, se tudo der certo, estamos indo para o décimo esse ano ainda...

**Que novos projetos você tem com a canção para o ano?**

Alessandra Verney: Dentro do projeto “unpluGAGA”, vou lançar um single com a versão acústica de “Bad Romance”, assinada pelo renomado produtor musical André Moraes (reconhecido pela trilha de “Lisbela e o Prisioneiro”) que vai ganhar as plataformas em breve. Além desse single, também estou finalizando o meu primeiro álbum solo, que é quase 100% autoral, também produzido também por ele. Essa parceria com o André é maravilhosa porque ele tem essa ligação forte com o cinema, que é uma das minhas grandes paixões. Será a realização de um sonho, pois a minha trajetória profissional começou na música, antes de eu trabalhar como atriz.

## LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Samuel (Miles Caton) leva sua música ao Clube de Blues

## Os dois combates por trás de 'Pecadores'

No quarto, outono chegou ao som do blues de Buddy Guy, quem surge nas últimas cenas de "Pecadores", de Ryan Coogler. Gilles Deleuze (1925-1995) diria singularidade, no sentido de que sua arte emerge entre branco-e-negro, não o negro contra o branco.

Com pedaço de madeira e com duas cordas amarradas com grampos de cabelo da mãe, Buddy, aos 7 anos, fez sua primeira guitarra e, nas plantações de algodão de Louisiana, passava o tempo desenvolvendo suas "técnicas" musicais.

Em "Pecadores", emergem duas formas de luta: à noite, a Ku Klux Klan é vampiro, não usa arma de fogo; e, ao dia, é representada por homens armados. Sob a lua, luta-se mutuamente com músicas e, sob o sol, luta-se com armas. Esse contraste exige que, à noite, a Klan só pode combater o afeto musical com afeto, pois, afinal, não se combate afeto com armas.

Observado isso, Samuel – nome hebraico que significa "ouvido por Deus" – expressa no início um breve canto enquanto trabalha na planície como catador de algodão. Samuel trabalha na planície "branca" e canta, mesmo canto que ressurgiu de forma mágica no Clube de Blues dos gêmeos Smoke e Stack.

No filme, o blues é o devir-canto negro da planície branca, sendo ele, o blues, potência intermediária a emergir entre os contrários, potência expressada pela singularidade artística de Samuel.

Contrário a Samuel, um homem gordo e branco, Hogwood. Da Klu Klux Klan, ele diz que "a Klan não existe mais", não havendo no longa de Coogler a imagem clássica e histórica da KKK, e sim a aparência vampírica, quer dizer, como alegoria, amplia-se o sentido literal da Klan. Hogwood "aparenta ser" quem é, mas a KKK, por não estar morta e por não estar viva, movimentava-se entre ausência-e-presença, sendo, pois, potência intermediária, a qual, por não matar o inimigo, deseja-o vivo para sugar sua vida [seu sangue] a fim de transformá-lo no que deseja, que é fazer com que a música negra – esse devir-canto negro da planície branca – incline-se à música da igreja, representada pelo pai de Samuel, um pastor, e à música e à dança branca irlandesa, representadas pelo chefe dos vampiros.

Embora apelidado de Pastorzinho, Samuel não toca violão e não canta na igreja, ele é o bluesmen a encantar onde foi o matadouro de Hogwood, agora um Clube de Blues, onde belíssimas imagens da música negra encarna outras temporalidades, o que leva à ruína o próprio matadouro do branco. Diz o vampiro-mestre a Samuel: "Eu quero suas músicas", em outros termos, a Klan afirma querer seus afetos. Hoje, Buddy Guy tem 86 anos.

**No filme, o blues é o devir-canto negro da planície branca, sendo ele potência intermediária a emergir entre os contrários**



Wagner Moura recebe nova indicação de Melhor Ator e o 'O Agente Secreto' acumula menção em outras sete categorias da premiação na maior premiação do cinema ibero-americano

## Oscar não fecha portas para 'O Agente Secreto'

Longa de Kleber Mendonça Filho chega ao Prêmio Platino com indicações em oito categorias. Produção já soma 70 premiações

AFFONSO NUNES

A ausência de estatuetas no Oscar não encerrou a trajetória de premiações de "O Agente Secreto". O envolvente thriller político de Kleber Mendonça Filho chega ao 13º Prêmio Platino — a principal premiação do cinema ibero-americano — com oito indicações, consolidando sua posição como uma das grandes produções cinematográficas de 2025. A cerimônia acontece em 9 de maio, no México.

As indicações abrangem as principais categorias da premiação: Melhor Filme Ibero-Americano, Melhor Direção (Kleber Mendonça Filho), Melhor Ator (Wagner Moura), Melhor Roteiro (Kleber Mendonça Filho), Melhor Música Original (Tomaz Alves Souza e Mateus Souza), Melhor Montagem (Eduardo Serrano e Matheus Farias), Melhor Direção de Arte (Thales Junqueira) e Melhor Figurino (Rita Azevedo).

A produção já acumula 170 indicações em eventos por todo o mundo. Desde sua estreia mundial no Festival de Cannes do ano passado, onde conquistou Melhor Direção e Melhor Ator, o longa não parou de coletar reconhecimentos. A trajetória inclui vitórias em Globo de Ouro (Melhor Filme em Língua Não Inglesa e Melhor Ator), Critics Choice Awards, Spirit Awards (Melhor Filme Internacional), além de prêmios em festivais como Lima,



Kleber Mendonça Filho orienta Wagner Moura no set de filmagens de 'O Agente Secreto'

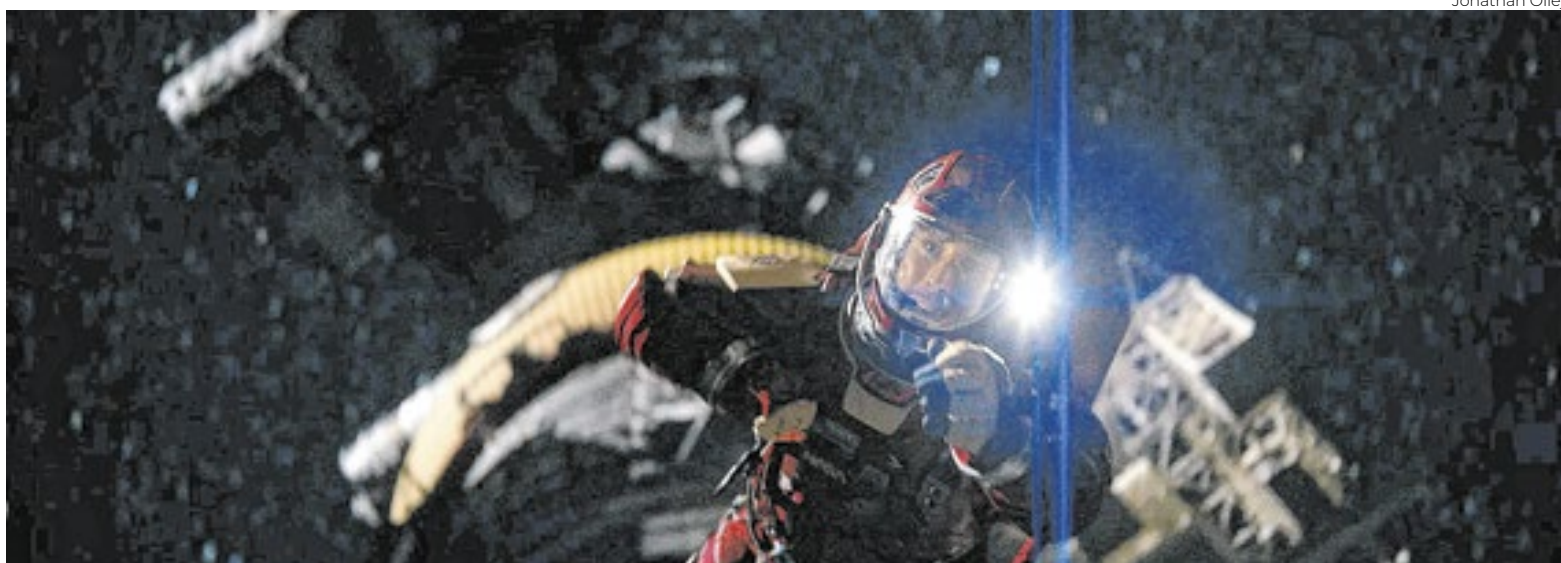
Biarritz, Zurique e Chicago. Até o momento, o filme conquistou mais de 70 laúreas internacionais.

No Oscar, realizado em 15 de março, "O Agente Secreto" saiu sem estatuetas, apesar de ter recebido quatro indicações — Melhor Filme Internacional, Melhor Diretor, Melhor Ator e Melhor Cinematografia. A não vitória na principal premiação do cinema mundial, porém, não representa um encerramento de sua jornada de reconhecimentos. Pelo contrário: a chegada ao Prêmio Platino demonstra que a produção mantém sua força competitiva na cena internacional.

Na trama idealizada por Mendonça Filho, Wagner Moura está em estado de graça no papel de Marcelo. Fugindo de um passado misterioso, este professor universi-

tário, uma especialista em tecnologia volta ao Recife natal em 1977 em busca de um pouco de paz, mas logo percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura ao ser perseguido por assassinos de aluguel numa trama que envolve o uso de uma patente sua interesses poderosos ligados à ditadura militar.

No Brasil, o filme segue em cartaz, iniciando sua 20ª semana de exibição e totalizando 2,5 milhões de espectadores, mesmo com disponibilidade em plataformas de streaming. A permanência em cinemas reforça o interesse do público brasileiro pela obra, que se tornou um fenômeno crítico e comercial, um feito raro para produções nacionais. Rodrigo Fonseca, nosso crítico de cinema, deu seu veredito: "Kleber Mendonça Filho fez um filme crocante, que faz crescer na boca e deixa gostinho de quero mais, ao ensaiar uma releitura da Nova Hollywood sob o frevo do Recife".



Ryan Gosling mergulha na solidão do espaço em *Devoradores de Estrelas*, que não autoriza um possível romance

# Conjugar o verbo amar nas telas virou moeda escassa

Tolhido por patrulhas da correção política, Hollywood abandona o romantismo em filmes como ‘Devoradores de Estrelas’ e ‘Zootopia 2’, gerando grita e descolando plateias do lirismo



Eva (Sandra Hüller) confere a peripécia estelar de Grace no longa de Phil Lord e Christopher Miller

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**M**otel platônico da Humanidade a partir dos anos 1910, quando romances se espalharam por suas ainda recém-nascidas telas, o cinema não apenas fez do amor um gênero - e ambivalente, ora drama romântico, como “Desencanto”, de 1945, ora comédia romântica, tipo “Aconteceu Naquela Noite”, de 1934 -, como disseminou o benquerer por seus mais variados filões. “Ben-Hur” (1959), um épico bíblico amalgamado à crucificação de Jesus que volta às telas em abril, na Páscoa, restaurado,

tem lugar para uma paixão abençoada por Cristo. Narrativas que deram nó na contação de histórias convencional, apostando na semiotologia, como “Acossado” (1960) e “Pierrot Le Fou – O Demônio das Onze Horas” (1965), de Jean-Luc Godard – hoje discutidas na peça “Coração na Boca”, no CCBB – investiam em rizomas filosóficos, mas não abriam mão do lirismo. Anna Karina a cantarolar Ma Ligne De Chance” para Jean-Paul Belmondo é prova disso. Até o “Homem-Aranha” de Sam Raimi, lá em 2002, fez fama com o beijão de Mary Jane em um mascarado Peter Parker (de cabeça para baixo). Só que com a fervura – à temperatura máxima – de pautas revisionistas da contemporaneidade de cunho inclusivo,

o Cinemão parece ter confundido certos pleitos – em especial, aqueles avessos à objetificação de corpos – e vem eliminando o ideal do “par romântico”, e, com ele, o tão esperado beijo na boca, de suas produções mais comerciais. “Devoradores de Estrelas”, sci-fi caríssima (leia-se US\$ 200 milhões), com Ryan Gosling, atesta essa tendência nada humanista e bastante neurótica.

Dirigido pela dupla de realizadores Phil Lord e Christopher Miller (responsáveis pela franquia de animação “Aranha-Verso”, com Miles Morales), o longa-metragem arrecadou cerca de US\$ 141 milhões de quinta-feira para cá, o que é uma cifra alta para os lançamentos de março, nos EUA, mas fica aquém do esperado para uma superprodu-

ção desse porte. A adaptação do livro homônimo de Andy Weir trai a expectativa do público por um chamego entre o protagonista e a personagem vivida pela gênia germânica Sandra Hüller. As patrulhas que cancelam tudo cassaram o prazo de validade do “par romântico”, tão famoso na Hollywood de outrora. Têm lá seus argumentos para isso, sobretudo o sexismo, mas não se preocuparam em deixar nada no lugar. O resultado dessa operação: neurose. Aquele benefício básico inerente aos filmes-pipoca – a educação sentimental – foi abortado, e... pior... os roteiros não sabem lidar com o interdito dos aparelhos ideológicos. Basta ver “Thunderbolts\*” (2025), uma das grandes decepções financeiras da Marvel da atualidade.

O jeito como a nova Viúva Negra, Yelena (Florence Pugh), olha para o Sentinela (Lewis Pullman) é de desejo. Mas quem disse que os vetos do Presente deixam eles trocarem uma bitoca que seja... embora os dois queiram e consintam.

Quem viu o fenômeno de bilheteira animado “Zootopia 2”, lançado perto do Natal passado, acompanhou a grita de parte do público pela insistência da Disney em negar a paixão (irrefutável) em seus dois protagonistas, a coelha Hopps e a raposa Wilde, e determinar: são amigos... ponto. A forma como os dois se olham diz o contrário, o que gera na claqué espectadora a expectativa por um beijo que nunca chega, pois, as correntes vigentes de censura (disfarçadas sob pautas de peso urgente) não permitem.

Em “Devoradores de Estrelas”, a Hopps em questão é a agente Eva (nome mais bíblico do que esse, impossível), operativa do governo (vivida por Sandra) que incumbe o professor de ciências Ryland Grace (Gosling) a retardar uma hecatombe. Apesar de os diretores vulnerabilizarem o personagem ao extremo, o educador se encanta por Eva e não esconde, a cada contato, sua vontade de que aquela relação avance. Contudo, o cinemão ali em jogo parece não se importar com isso e apaga, de maneira coxa (mas conservadora), esse enamoramento. Resta a Grace ser a Graça do planeta.

Essa dinâmica chamuscou o belíssimo “Dumbo” (2019), de Tim Burton, uma vez que o caubói vivido por Colin Farrell ansiava ter com a acrobata vivida por Eva Mendes um namoro... e do tipo que dura. Mas...

Quando se observa um longa notável como “A Noiva!”, recém-lançado por Maggie Gyllenhaal, que combate toda a praga machista de frente, sem meios-tons, encontramos, no eixo central da trama, uma love story que se conjuga (à perfeição) com as lutas políticas ali travadas e ainda embevece corações. O monstro de Frankenstein (Christian Bale) encontra na jovem Ida (Jessie Buckley) alguém a quem respeitar. Nesse respeito, e numa troca que se dá pela paixão dele por musicais, rola um romance que afirma a relevâncias de todas as causas da atualidade, mas não abre mão de tratar um abraço como abrigo.

O cinema brasileiro, que nunca foi prolífico em RomComs (comédias românticas) deitou e rolou nessa linhagem com os longas de Domingos de Oliveira (1936-2019), vide “Separações” (2002), que a TV Brasil projeta nesta quarta-feira, às 21h. Uma boa investida nossa nesse terreno que, hoje, os Big Brothers da moral tentam cercar, é “Velhos Bandidos”, de Cláudio Torres, thriller de assalto de tintas cômicas que põe o casal de larápios Marta (Fernanda Montenegro) e Rodolfo (Ary Fontoura) a se amar ao extremo... sem medo de serem patrulhados.

**QUEM DISSE QUE  
JORNAL IMPRESSO  
ERA COISA  
DO PASSADO?**

## Correio da Manhã

Agora com o mesmo tamanho dos **Folha de S. Paulo**,  
**O Estado de S. Paulo** e **Estado de Minas**.  
Muito mais fácil para ler.

**"UMA PUBLICAÇÃO  
DO CORREIO DA MANHÃ"**

[www.correiodamanha.com.br](http://www.correiodamanha.com.br) / @correiodamanhabr / @colunamagnavita